

A ESTRUTURA DO GN NO REMA: A REALIZAÇÃO DO DINAMISMO COMUNICATIVO

Marcelo SAPARAS (PUC-SP)¹
Sumiko Nishitani IKEDA (PUC-SP)²

RESUMO: Este estudo é parte de uma pesquisa mais extensa que examina a tradução do grupo nominal (GN) do inglês para o português. Diante de um contexto em que se confundem funções sintáticas, funções semânticas e funções no GN, decidimos examinar o GN na dinâmica da comunicação, considerando-o, não isoladamente como tem sido feito, mas como parte de gêneros discursivos. Assim, analisaremos a estrutura do GN, do ponto de vista do significado textual (Tema e Rema) e informacional (Dado e Novo), com vistas a esclarecer a função e a ordem dos modificadores pré e pós núcleo do GN.

ABSTRACT: This study is part of a more extended research that examines the translation of the nominal group (NG) from English into Portuguese. Within a context in which syntactic functions, semantic functions and functions within the nominal group became confused, we decided to examine the NG in the communicative dynamics, considering it, not separately as it has been considered, but as part of discursive genres. Thus, we analyze the structure of the NG from the point of view of the textual (Theme and Rheme) and informational meaning (Given and New), with the intention of clarifying the function and order of pre and pos – head modifiers of the NG.

1. Introdução

A pesquisa iniciou-se como uma tentativa de entender as dificuldades no ensino/aprendizagem da estrutura do grupo nominal (GN) em inglês para estudantes de língua portuguesa. Como afirma Rush (1998), a tradução de pré-modificadores em pós-modificadores causa mudança semântica. Tal é, por exemplo, o caso da tradução de ‘*critical discourse analysis*’, que para uns é ‘análise do discurso crítica’, mas para outros é ‘análise crítica do discurso’ como é evidenciada pela literatura sobre o assunto. Ficou evidente que há muita controvérsia em ambas as línguas sobre a função e também sobre a ordem dos constituintes do GN.

Perini (1986) define o sintagma nominal (SN), que estamos chamando de GN, segundo a lingüística sistêmico-funcional (LSF), como sendo: “qualquer seqüência de elementos da língua que possa desempenhar certas funções sintáticas, como a de sujeito, a de objeto direto, a de regime de uma preposição etc.” (90). Assim, continua ele, a estrutura do SN será definida uma só vez na gramática: o sintagma nominal se compõe de um substantivo, ou de artigo seguido de substantivo, ou de pronome pessoal etc. Contudo, afirma: “a composição do sintagma nominal é bem complexa” (38), opinião partilhada por Fries (1990), para o inglês, pois todos os lingüistas consideram ser o GN inglês uma construção muito complexa.

Na LSF, Halliday (1994) afirma que a língua é um recurso para fazer significado, uma fonte indefinidamente expandível de significado potencial, e que a estrutura constituinte é um meio para mapear diferentes tipos de significado uns sobre outros e para codificá-los numa forma concreta. Um desses constituintes é o GN, que está acima da palavra, e estas de morfemas.

Segundo o autor, as línguas capacitam o ser humano a construir um quadro mental da realidade, para que ele entenda o que acontece ao seu redor e no seu interior. O sistema de transitividade constrói o mundo da experiência em um conjunto manipulável de TIPOS DE PROCESSO. Um processo consiste, em princípio, em três componentes: (i) o processo; (ii) participantes do processo; (iii) circunstâncias associadas ao processo. Podemos expressar esse fato na Fig. 1 (com destaque do GN).

Tipo de elemento	geralmente realizado por
(i) processo	grupo verbal
(ii) participante	grupo nominal
(iii) circunstância	grupo adverbial ou frase preposicional

¹ e-mail: msaparas@uol.com.br

² e-mail: sumiko@uol.com.br

Fig. 1 - Funções típicas de classes de grupos e frases

Um GN, de acordo com Halliday, é aquele que tem um substantivo - ‘núcleo’ - precedido e seguido por vários outros itens que o caracterizam. E.g.:

(1) (Those two) splendid and old electric trains with pantographs

Em (1), o núcleo é ‘trains’, e os itens são chamados de modificadores, em posições pré e pós - núcleo, cada um com uma função no interior do GN (Fig. 2). (Não vamos considerar na análise o dêitico e o número.)

Those	two	splendid and old		electric	trains	with pantographs
Dêitico	Número	Atitude	Qualidade	Classificador	Núcleo	Qualificador
Determinante		Epíteto				

Fig. 2 – Exemplo de GN

1.1. Divergências

Mas não há consenso entre os estudiosos sobre o que se entende por modificador pré ou pós núcleo, e entre eles, estão Gleason (s.d.), Huddleton (1984) ou Quirk et al. (1985), citados por Fries (2001). A título de exemplo, veja a proposta de Quirk et al. (1985), na Fig. 3:

Zona de modificação			Núcleo	Pós modificador		
<u>Central</u>	<u>Pós central</u>	<u>Pré núcleo</u>		<u>Apositivo</u>	<u>Restritivo</u>	<u>Não-restritivo</u>
importante	longo	chileno	livro	que ganhou	vencendo concorrentes	que foi lido no curso

Fig. 3 - Quirk, Greenbaum, Leech & Startvik (1985)

As inadequações na caracterização dos modificadores não se limitam aos diferentes elementos que ocorrem antes ou depois do núcleo. Elas se referem também à definição desses modificadores. Assim, Halliday, depois de afirmar que os modificadores (epítetos, classificadores e qualificadores) caracterizam o núcleo, acrescenta que o qualificador tem a função de caracterizar o núcleo, ou seja, a função específica desse modificador permanece vaga. Por outro lado, Bruti (2003) afirma que os qualificadores são todos os modificadores em pós-posição ao núcleo. A autora acrescenta que o qualificador não é um elemento essencial. Contudo, Fries (1999), citando Radford (1998), apresenta um exemplo no qual o complemento nominal – que é essencial ao núcleo – está em pós-posição.

(2) estudante de física de cabelos longos

Problemas semelhantes ocorrem na classificação dos modificadores em português. Tarallo (1994), Kato (1998) e Silva & Dalla Pria (2001) falam em modificadores pré-núcleo, mas não fica claro a que tipos de modificador estariam se referindo. Além disso, não há acordo sobre a posição dos modificadores no GN. Silva & Dalla Pria (2001) afirmam que os classificadores são denotativos e ocorrem na posição pré, mas para Borba (1996) eles ocorrem sempre em posição pós-núcleo.

Uma outra questão se soma às dificuldades acima mencionadas. Consideremos um dos exemplos de Radford. Ele distingue entre adjunto nominal e complemento nominal com base no fato de que o complemento está sempre ‘mais próximo’ do nome do que o adjunto. Comparemos (2) e (2*), em que a segunda é inaceitável, segundo o autor:

(2)

estudante	de física	de cabelos longos
núcleo	compl.nominal	adj.adnominal

(2*)

estudante	de cabelos longos	de física
núcleo	adj.adnominal	compl. nominal

Porém Fries (1999) apresenta um contra-exemplo, mostrando que a ordem adjunto + complemento é possível:

(3)

[houve] sugestões	em Hong Kong	de que o assunto se dividia ...
núcleo	adj.adnominal	compl.nominal

Notemos, porém, que ‘Hong Kong’ é na realidade um adjunto adverbial e não um adjunto adnominal antes da nominalização do verbo ‘sugerir’ ocorrer. Numa classificação baseada na função no GN, tal diferença sintática pode ser significativa, refletindo funções de diferentes modificadores.

Diante desse contexto em que se confundem funções sintáticas, funções semânticas e funções no GN, decidimos examinar o GN na dinâmica da comunicação, considerando-o, não isoladamente como tem sido feito, mas como parte de um texto, ou mais especificamente, de um gênero discursivo. Assim, este trabalho examina a estrutura do grupo nominal (GN), do ponto de vista do significado textual (Tema e Rema) e informacional (Dado e Novo), segundo a LSF, com vistas a esclarecer a função e a ordem dos modificadores pré e pós núcleo do GN.

2. Embasamento teórico

2.1. Os significados do GN

Segundo a LSF, em (4):

(4) O menino do vizinho pegou a calculadora.

o GN ‘o menino do vizinho’ exerce quatro papéis: ator, sujeito, tema e dado, de acordo com os significados expressos pela língua: experiencial, interpessoal, textual e informacional, respectivamente.

Como faz a língua para manipular tipos diferentes de significados simultaneamente? A língua possui um nível intermediário de codificação: a léxico-gramática. É este nível que possibilita à língua construir três significados concomitantes, que entram no texto através das orações. Daí porque Halliday dizer que a descrição gramatical é essencial à análise textual. Na lingüística funcional a semântica está naturalmente (e não arbitrariamente) relacionada à gramática.

Vejamos a seguir a sentença (4) analisada em termos das três metafunções (experiencial, interpessoal e textual).

O menino do vizinho	pegou	a calculadora
Ator	Processo	Meta

Fig. 4 Análise sob a perspectiva experiencial

O menino do vizinho	pegou	a calculadora
Sujeito	Predicador	Complemento

Fig. 5 Análise sob a perspectiva interpessoal

O menino do vizinho	pegou a calculadora
Tema	Rema

Fig. 6 Análise sob a perspectiva textual

Observemos que o mesmo GN pode exercer simultaneamente três funções: Ator, Sujeito e Tema. Como Ator, ele representa aquele que faz a ação; como Sujeito, é, segundo Halliday, o elemento responsável para o funcionamento da oração como um evento interativo, aquele por referência ao qual a proposição pode ser afirmada ou negada. E, finalmente, como Tema, ele é aquele ao qual se refere a oração.

Para a LSF, a língua é um sistema semiótico. O que caracteriza um sistema semiótico é o fato de que cada escolha no sistema adquire seu significado em relação a outras escolhas que poderiam ter sido feitas. Ou seja, a escolha de um grupo nominal em lugar de outro para realizar determinada função seja experiencial, seja interpessoal, seja textual será sempre significativa.

Poder-se-ia dizer, então, que o GN, com sua estrutura específica, ao lado de outras estruturas da oração, congrega as três metafunções a fim de não só descrever a experiência (metafunção experiencial), mas também posicionar o produtor do texto – oral ou escrito – em relação ao interlocutor (metafunção interpessoal), bem como em relação à própria mensagem (metafunção textual). A par desses três significados, há ainda uma outra dimensão importante a considerar numa oração, que é a estrutura da "unidade de informação" (Eggins 1994), segundo a qual uma informação é considerada ou dada (conhecida) ou nova para o interlocutor, e nesse processo está também envolvido o GN.

Informação dada, ou Dado, é definida por Chafe (1976, apud Ward & Biener 2001) como “o conhecimento que o falante supõe que esteja na consciência do ouvinte durante o enunciado”, enquanto que informação nova é “o que o falante supõe que esteja introduzindo na consciência do ouvinte por aquilo que diz” (1976: 30). As línguas mostram uma tendência a ordenar a informação “dada” antes da informação “nova” num enunciado. Prince (1981a: 247, apud Ward & Birner 2001) fala em “conspiração das construções sintáticas” designada para evitar que SNs que representam informação relativamente não familiar ocupem a posição de sujeito (veja Kuno 1971, inter alia, apud Ward & Biener 2001).

Chafe (1992) nota que uma importante característica da língua escrita é o seu potencial para aumentar a densidade de informações novas por construções que, na fala, só se usam dentro do limite uma-ideia-por-vez. É de particular interesse para os lingüistas, diz ele, descobrir os instrumentos gramaticais específicos através dos quais se aumenta a densidade de informações novas. Um deles é, segundo ele, a combinação que consiste em um adjetivo atributivo seguido de nome, ou seja, o GN.

2.2. A Perspectiva Funcional da Sentença e o Dinamismo Comunicativo

Uma questão que contribui para essa ‘descoberta’ é a noção de perspectiva funcional da sentença (PFS). Segundo Firbas (1986), a teoria da PFS trata do modo como as estruturas sintáticas e semânticas da sentença funcionam para preencher a meta comunicativa pretendida na sentença. Um dos interesses da PFS é, pois, identificar o papel que um elemento lingüístico desempenha na dinâmica da comunicação.

A comunicação é um fenômeno dinâmico. Um dos conceitos básicos da teoria da PFS é o dinamismo comunicativo (DC), que se refere à qualidade desempenhada pelo desenvolvimento da informação (não necessariamente linear) em direção a uma meta comunicativa. O grau de DC carregado por um elemento lingüístico é a extensão relativa para o qual esse elemento contribui em direção ao desenvolvimento futuro da comunicação.

“Informação” cobre não somente o conteúdo factual, mas também atitudes, sentimentos e emoções, segundo Firbas (1986). Os graus de DC são “relativos” no sentido de que o grau de DC carregado por um elemento da sentença é sempre determinado em relação à contribuição que outros elementos da sentença fazem para o desenvolvimento futuro da comunicação.

Qualquer elemento lingüístico: oração, frase, palavra, morfema ou uma vogal que alterna (e.g. faz, fez) pode tornar-se um transportador de DC tanto quanto ele expresse algum significado e como consequência participa do desenvolvimento da comunicação (veja Firbas, no prelo a). Na linguagem escrita, a distribuição dos graus de DC é afetada pela interação de três fatores: “modificação linear”, “contexto” e “estrutura semântica”, conforme será explicado mais adiante.

2.3. O gênero e a estrutura do GN

O exame do GN leva-nos a considerar o gênero discursivo como fator determinante da constituição dessa estrutura sintática. Assim, Bathia (1991), ao investigar os GNs em gêneros profissionais, tais como propaganda, pesquisa científica e dispositivos legislativos, descobriu que, embora os GNs fossem muito usados nesses gêneros, eles eram marcadamente diferentes não apenas na sua forma sintática, mas também na sua função retórica. Na propaganda, os GNs têm em geral a forma:

(Modificador) Head (Qualificador)

em que os modificadores são realizados em termos de uma série de atributos linearmente dispostos como se segue:

(Determinante) (Adjetivo) (Adjetivo) (Adjetivo) ... Núcleo (Qualificador)

Já que uma das principais preocupações da propaganda é oferecer uma avaliação positiva dos produtos ou serviços promovidos, e os GNs são vistos como portadores de adjetivos, há, segundo o autor, uma probabilidade de incidência acima da média desses grupos nesses gêneros. Ele dá o seguinte exemplo:

(5) The world's smallest and lightest digital camcorder that's also a digital camera

Por outro lado, os GNs em gêneros de pesquisa acadêmica, em especial nas ciências, são usados para criar e desenvolver conceitos técnicos. Esses GNs têm a forma de compostos de nomes com a seguinte estrutura:

(Modificador) (Modificador) (Modificador) ... Núcleo (Qualificador)

em que os modificadores são tipicamente realizados em termos de uma série de nomes linearmente dispostos funcionando como classificadores, com ocasional incorporação de adjetivo. O seguinte é um exemplo típico (Bhatia 1993: 149):

(6) Nozzle gas ejection space ship altitude control

3. Metodologia

3.1. Dados e Procedimentos analíticos

Na presente pesquisa, vamos: (a) examinar textos, e não apenas sentenças isoladas como tem sido feito; (b) relacionar o GN com o DC; e (c) levar em consideração o gênero discursivo como fator determinante da constituição do GN (conforme Bathia, 1991).

Foram analisados textos, com cerca de 500 palavras cada, pertencentes aos gêneros: artigo de opinião, crítica de cinema, divulgação científica, escrita acadêmica. Os textos foram separados em sentenças e, a seguir, cada sentença foi separada em Tema e Rema, segundo Halliday (1994), Eggins (1994) e propostas adicionais de Whittaker (1995) e Leon Ping (2005).

3.2. O Tema

Para destacar o Tema, adotaremos aqui, além das definições da LSF, a sugestão esclarecedora de Leon Ping (2005:707), para quem o Tema – na medida em que tem a força de restringir o desenvolvimento da mensagem - deve ser ‘desenvolvido de maneira aceitável na porção remática no contexto da interação’. Portanto, palavras como ‘se’ ou ‘é’ sozinhas não podem ser consideradas Tema, já que não possuem a referida força.

3.3. Adjunto X Oração

Por outro lado, há um fato que julgamos importante considerar, pois pode, também, esclarecer a delimitação do Tema/Rema. O enunciado que aparece no Rema na análise mais abaixo:

(7) para a construção de uma seqüência didática (ou módulo didático), [...]

é considerado parte do Rema porque é um adjunto adverbial, ou seja, um Participante em termos da LSF. Porém, se o substantivo ‘construção’ for substituído pelo verbo ‘construir’,

(8) para construir uma seqüência didática (ou módulo didático), [...]

o enunciado passa a ser considerado uma oração final reduzida e – como oração – sofreria outra forma de análise, ou seja, seria constituído por Tema e Rema. Para evitar dupla análise, consideramos as orações adverbiais como fazendo parte do GN (assim com já o fazem as adjetivas e substantivas, segundo Halliday).

4. A análise de dois gêneros

Damos a seguir um exemplo da análise de um trecho de texto acadêmico e, a seguir, de um trecho de texto de crítica de cinema. O tema está assinalado em negrito. Notemos no Rema, o GN sublinhado (com o núcleo em itálico/negrito):

Trata-se aqui, portanto, também de uma *experiência* de transposição didática, na qual dois assessores docentes, junto a nove professores universitários, partiram de um conjunto de conhecimentos científicos e práticos para a construção de uma seqüência didática (ou módulo didático), segundo os PCNs para Língua Portuguesa voltada para o ensino-aprendizagem de um gênero específico, o artigo de opinião.

4.1. Análise de texto acadêmico

TEMA	REMA	
Trata-se	aqui, portanto, também de	
	Análise do GN:	
	uma* <u>experiência</u>	núcleo
	de transposição didática,	compl.nominal
	na qual dois assessores docentes,	or. adjetiva (1/2)
	junto a nove professores universitários,	oração adjetiva
	partiram de um conjunto de conhecimentos científicos e práticos	or. adjetiva (1/2)
	para a construção	adj. adverbial
	de uma seqüência didática (ou módulo didático),	compl.nominal
	segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para Língua Portuguesa	adj.adverbial
	voltada para o ensino-aprendizagem	oração adjetiva (reduzida)
	de um gênero específico, o artigo de opinião.	compl. nominal

Fig.7 – Análise de parágrafo do texto acadêmico

4.2. Análise de texto de crítica

TEMA	REMA	
Começou	a corrida + anual + dos blockbusters,	adj adn + adj adn
e o primeiro exemplar	é o esperadíssimo “O Código Da Vinci”,	predic.sujeito

	que em um final de semana já provou que vai lutar entre os grandes.	or adjet
Só nos Estados Unidos	foram 77 milhões de dólares, <u>número</u>	pred.suj/aposto
	que aumenta para 224 milhões de bilheteria pelo mundo.	or adjet
Mas mesmo com todo esse dinheiro,	a adaptação do mega best-seller de Dan Brown vem fazendo	compl.nom
	um rastro de péssimas críticas,	adj adn
	a começar pela especializada,	or adjet
	que em Cannes, festival (aposto)	or adjet/aposto
	que abriu,	or adjet
	já fez questão	or adjet
	de deixar clara sua indignação pelo filme,	compl nom
	e com razão,	adj adv

Fig.8 - Análise de parágrafo do texto de crítica de cinema

4.3. A constituição do GN

O que a análise que vimos nas Figs. 7 e 8 evidencia é a constituição do GN através de vários tipos de construções sintáticas, ou seja, adjuntos adnominais e adverbiais, orações adjetivas e adverbiais, oração predicativa, complemento nominal, aposto.

Nesta etapa da pesquisa, comparamos os GN presentes em textos pertencentes aos gêneros acadêmico e crítica de cinema. Apresentamos a seguir os resultados. [Abrangemos com os termos atributo: o adjunto adnominal, a oração adjetiva e predicativo do sujeito; circunstância: o adjunto adverbial e a oração adverbial; o complemento nominal e aposto são citados por esses nomes.]

4.4. Resultados comparativos

	Atributo	Circunstância	Completivp	Aposto
	%	%	%	%
Acadêmico	37.5	25.0	37.5	0.0
Crítica cinema	68.0	6.2	12.5	12.5

Fig. 9 – Comparação entre texto acadêmico e crítica de cinema

4.5. A interpretação dos resultados

Na comparação dos dois gêneros examinados, a crítica de cinema apresenta 68.0% de elementos atributivos, enquanto que no texto acadêmico esse número é de 37.5%, praticamente a metade daquele. Já a comparação dos elementos circunstanciais entre os dois gêneros, revela o oposto: 25% para o texto acadêmico e 6.25% para a crítica.

Essa diferença parece indicar que o texto acadêmico apóia-se mais em dar explicações e finalidades – através dos elementos circunstanciais do que em caracterizar os atributos dos fenômenos sob investigação. Essa caracterização seria mais um fenômeno pertinente à crítica de cinema, para qualificar os filmes em exame.

Outro dado importante é a grande ocorrência de complemento nominal no texto acadêmico (37.5%) contra a ocorrência na crítica (12.5%), evidenciando o uso de nominalização no texto acadêmico. O aposto apresentou presença discreta: 12.5% na crítica e nenhuma ocorrência no texto acadêmico.

5. Considerações finais

Resultados parciais mostram que, ao contrário do que acontece no Tema – que contém em geral a informação dada - a densidade de informação é maior no Rema, contando com vários tipos de construções sintáticas e, assim, contribuindo para o aumento do grau de dinamismo comunicativo, nos termos de Firbas (1974).

Nesse sentido, poder-se-ia adiantar que a própria existência de construções sintáticas, tais como, os adjuntos e orações adjetivas e adverbiais têm razão de ser na medida em que se considera sua função como realizadoras do DC. E são essas as construções que constituem o GN do Rema, como se pode verificar até esta etapa da pesquisa.

E, para finalizar, surpreendeu-nos a ausência de orações substantivas – em especial as objetivas – já que era de se supor que estas seriam usadas para citação de vozes de autoridade consagrada. Acreditamos que uma análise especificamente voltada para essa questão deva levar a outros resultados.

6. Referências bibliográficas

BATHIA, Vijay K. *Analysing genre – Language use in professional settings*. Londres: Longman, 1993.

BATHIA, Vijay K. 1991 [citado no texto, mas não nas referências]

BORBA, Francisco S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática. 1996

BRUTI, Silvia. The modifying element. Anno accademico 2002/2003 Facoltà di Lettere e Filosofia Corso di Laurea in Lingue Lingua Inglese 1. 2003.

CHAFE, Wallace I. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects and topics. In: Li, N.C. *Subject and Topic*. NY: Academic Press, 1976.

CHAFE, Wallace. The flow of ideas in a sample of written language. IN: MANN, William C. & Sandra A. Thompson (eds), *Discourse description – Diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam: John Benjamins. 1992.

EGGINS, Suzanne. *An introduction to systemic functional linguistics*. Londres: Pinter. 1994.

FIRBAS, Jan. Some aspects of the Czechoslovak approach to problems of Functional Sentence Perspective, mimeo. 1974.

FIRBAS, Jan. On the dynamics of written communication in the light of the theory of Functional Sentence Perspective. In Cooper, Charles R. and Sidney Greenbaum (eds.) *Studying Writing*, Beverly Hills: Sage Publications, 40–71. 1986.

FRIES, Peter H. Post nominal modifiers in the English noun phrase. In: COLLINS, Peter & David Lee. *The Clause in English*. Amsterdam: John Benjamin Publishing Company. 1999.

FRIES, Peter H. Toward a componential approach to text. In GIBBONS, John, NICHOLAS, Howard & HALLIDAY, M.A.K. (eds). *Learning, keeping and using language: Selected papers from the Eighth World Congress of Applied Linguistics*, Volume 2, 363-380. Amsterdam: John Benjamins. 1990.

FRIES, Peter H. Issues of structure and interpretation in the English nominal group. In: VILLIERS, Jessica de & ROBERT J. Stanton (eds.) *Communication in linguistics* Vol. I. Toronto: Éditions du Gref. 2001.

GLEASON, H.A. Introduction to descriptive linguistics. Manuscrito não publicado (3a. edição) s.d.

HALLIDAY, Michael A.K. *An introduction to functional grammar*. Edward Arnold. 1994.

HUDDLESTON, R. *Introduction to the grammar of English*. Cambridge: Cambridge University Press. 1884.

- KATO, M.A. A seqüência Adj+N em português e o princípio da harmonia transcategorial. *Letras & Letras* 4.1-2.(205-13). 1998.
- LEON, Ping Alvin. Talking themes: the thematic structure of talk. *Discourse Studies* 7.6 (701-732). 2005.
- PERINI, Mário A. *Para uma nova gramática do português*. SP: Editora Ática. 1986.
- QUIRK, R., GREENBAUM, S, LEECH, G & SVARTVIK, J. *A comprehensive grammar of the English language*. Londres: Longman. 1985.
- RADFORD, A. *Transformational Grammar: A first course*. NY: Cambridge University Press. 1988.
- RUSH, Susan. The noun phrase in advertising English. *Journal of Pragmatics* 29 (155-171). 1998.
- SILVA, Ademar da & Dalla Pria, Albano. A ordem variável do adjetivo em anúncios jornalísticos do séc: uma questão semântico discursiva. *Alfa* 45 (71 – 73). 2001.

TARALLO, F. Tempos Lingüísticos – Itinerário histórico da língua portuguesa. SP: Ática. 1994.

WARD, GREGORY & BIRNER, BETTY J. BIRNER. Discourse and information structure. In: Deborah Schiffrin et al. (eds) *The handbook of Discourse Analysis*. Oxford: Blackwell Publishing. 2001.

WHITTAKER, Rachel. Theme, processes and the realization of meanings in academic articles. In: Ghadessy, Mohsen, *Thematic Development in English Text*. NY: Pinter. 1995.

Bibliografia consultada

BATHIA, Vijay K. *Worlds of written discourse – A genre-based view*. Londres: Continuum pp.6-7. 2004.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática Portuguesa*. 37a. ed. Rio de Janeiro, 672p. 2001.

BORBA, Francisco S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática. 1996.

CÂMARA JR., J.M. *História da estrutura da língua portuguesa*. 3ª. ed. RJ. 1979.

CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: Wallace L. Chafe (ed.) *The pears stories – Cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. NJ: Ablex Publ.Co. 1980.

COLLINS COBUILD. *English usage*. London. 1992.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. 8a. ed. Fename. 1982.

DANES, Frantisek (ed.) *Papers on Functional Sentence Perspective*. The Hague: Mouton. 1974.

FATHMAN, Ann K. *Word order contrasts and production in three target Languages*. Dechert, Hans W. & Manfred Raupach (eds), *Transfer in language production*. NJ: Ablex Publ.Corp. 1989.

FIRBAS, J. (no prelo a). *Carriers of communicative dynamism*. Prague Studies in English 18.

FOX, Barbara A. & THOMPSON, Sandra A. *A discourse explanation of the grammar of relative clauses in English conversation*, Language 66 (297-316). University of Colorado, Boulder University of California. Santa Barbara, 1990.

FRIES, C.C. *The Structure of English*. New York: Harcourt, Brace & World. 1952.

GÓMEZ-GONZÁLEZ, María Ángeles, *The theme-topic interface – Evidence from English*. Amsterdam: John Benjamins. 2000.

LONGO, Beatriz Nunes de Oliveira. *Nomes atributivos no português brasileiro falado*, Revista Alfa, São Paulo, vol. 44, pp. 273 – 278. 2000

MALOUF, Robert. *The order of prenominal adjectives in natural language generation*. malouf@let.rug.nl. Alfa Informatica Rijksuniversiteit Groningen Postbus 716, 9700 AS Groningen The Netherlands

MATHESIUS, V. *A functional analysis of present day English on a general linguistic basis*. In: L.Dusková (Trad) J.Vackek (ed.) Praga: The Hague: Mouton. 1975.

MATTHIESSEN, Christian M.I.M. *Representational issues in Systemic Functional Grammar*. In: Benson & Greaves (eds), *Systemic Functional Approaches to Discourse* 26. NJ: Norwood. 1988.

MATTHIESSEN, Christian M.I.M. Interpreting the textual metafunction. In M.Davies & L. Ravelli (eds.) *Advances in Systemic Linguistics: Recent theory and practice*. Londres: Pinter. 1992.

MATTHIESSEN, Christian M.I.M. Theme as an enabling resource. In M. Ghadessy (ed), *Thematic Development of English Texts*. Londres: Cassell. 1995.

MONTE, Carolina. Como o computador deve concordar o adjetivo com o substantivo.
<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno14-05.html>. caderno14-05.html.%20Acesso%20anais%20viiicnlf
www.filologia.org.br 20em%2015/10/2006> Acesso em 15/10/2006.

RANDACCIO, Monica Randaccio (Dipartimento di Letterature e Civiltà Anglo-Germaniche University of Trieste), *Italy grammar*. Oxford: OUP, p.33-49. 2004.

SWAN, Michael. *Practical English usage*. 2a. ed. Oxford: Oxford University Press. 1995.

THOMPSON, A. J. & Martinet A. V.. 15a. ed., *A practical English grammar*. Oxford: OFU. 1995.

THOMPSON, Geoff. *Introducing Functional Grammar*. London: Arnold. 1996.